

Olhar a si mesmo pelo olhar do outro: o judeu visto pelo brasileiro na ficção de Samuel Rawet

Looking at oneself through the eyes of the other: the Jew as seen by Brazilians in the fiction of Samuel Rawet

SAUL KIRSCHBAUM

Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

RESUMO Este artigo busca refletir sobre como as minorias se veem representadas pela população hegemônica na literatura produzida pelas próprias minorias, ou seja, como a minoria olha para si mesma através do olhar do outro, num processo que afeta a própria formulação de sua identidade. Para tanto, são analisados dois contos do escritor judeu-brasileiro nascido na Polônia, Samuel Rawet, em que o protagonista, um judeu, se vê na contingência de conviver com a população não-judia, em um clima de estranhamento e hostilidade.

PALAVRAS-CHAVE Samuel Rawet, Literatura de Imigração, Literatura Judaico-brasileira

ABSTRACT This article purports to reflect on how minorities see themselves represented by the hegemonic population in the literature produced by the minorities themselves, that is, how minorities looks at itself through the other's eye, in a process that affects the formulation of their own identity. For this purpose, two short-stories of the Jewish-Brazilian writer born in Poland, Samuel Rawet, are analyzed, in which the protagonist, a Jew, finds himself in the contingency of living with the non-Jewish population, in an atmosphere of estrangement and hostility.

KEYWORDS Samuel Rawet, Immigration Literature, Jewish-Brazilian Literature

Esta é a sina dos naturalizados.

Quando falo com um desconhecido, já prevejo a pergunta: "O senhor é de onde mesmo?" Os menos delicados perguntam: "Mas o senhor não é brasileiro, é?" Os finos, para não me chocar, perguntam: "O sotaque do senhor não é daqui, ou será que estou enganado?" (NICHTHAUSER, 1970, p. 31)

Falava-se de judeus naquela ceia de Natal quando Nehemias, a princípio contrafeito, foi dominado pela repentina consciência do intruso para ali conduzido pelo amigo, e mais brusca ainda a outra conclusão: estava ali o universo, os outros e ele, com os mesmos lugares-comuns, e a mesma contradição insolúvel. [...]

– São muito simpáticos os judeus, muito simpáticos. E um senso político extraordinário. Marx e Rothschild, Disraeli e Bernard Baruch... Senso político extraordinário. Têm o mundo nas mãos. [...]

Sobrevêm-lhe reminiscências atávicas de tremores ante a procissão da Semana Santa de além mar. (RAWET, 2004a, pp. 124 ss.)

CONFRONTADOS COM A NECESSIDADE VITAL DE SOBREVIVER EM MEIO A UMA população hegemônica nem sempre acolhedora, os membros de uma minoria, seja ela étnica ou religiosa ou de origem geográfica, muitas vezes percebem a necessidade de demarcar a diferença que os separa do grupo majoritário como forma ou de fortalecer uma identidade que lhes permita conviver com a população autóctone sem perder to-

talmente essa identidade, ou bem integrar-se radicalmente a ela, rompendo com o grupo de origem pelo apagamento das marcas diferenciais.

No primeiro caso, como tão bem observou Jeffrey Lesser, os imigrantes, principalmente os “não-desejáveis” – em contraste com os imigrantes “desejáveis”, que viriam para “embranquecer” o país –, vistos como *diferentes*, equilibrando-se precariamente na linha divisória entre o aceitável e o inaceitável, se veem forçados a negociar sua identidade nacional, na forma de uma “identidade hifenizada” (LESSER, 2001, p. 19 ss).¹

Na segunda situação, porém, em que o indivíduo busca ocultar sua origem e assimilar-se, a demarcação das diferenças pode funcionar como uma espécie de “check list” negativo; ou seja, preciso saber como a população hegemônica percebe a minoria da qual sou originário para determinar o que devo modificar em minha postura, forma de vestir, hábitos alimentares, uso do idioma, e poder analisar, ponto por ponto, em que medida ainda posso ser reconhecido como pertencente à minoria da qual quero me separar. Quanto ainda sou “diferente”.

Em outras palavras, em qualquer situação, olhar a si mesmo pelo olhar do outro.²

Esta forma de vivenciar o relacionamento com a população hegemônica deixará suas marcas, entre outros, na literatura produzida por escritores ligados – mesmo que a contragosto – à minoria. Afinal, como observou Abdelmalek Sayad, na medida em que os contatos do imigrante com a sociedade de imigração se ampliam e intensificam, chega-se a questionar a representação que se tem dele e a que ele tem de si mesmo (SAYAD, 1998, p. 14). Para ilustrar este fenômeno, tento verificar como o judeu se vê visto pelo não-judeu na ficção de Samuel Rawet.

Samuel Urys Rawet nasceu em 1929 na Polô-

nia, em um *shtetl* chamado Klimontow, próximo a Varsóvia. Devido às péssimas condições econômicas às quais os judeus poloneses vinham sendo submetidos, seu pai imigrou para o Brasil em 1932, em busca de reunir recursos para trazer o restante da família, o que só aconteceu em 1936, quando Samuel tinha sete anos.³

O trauma de conviver por quatro anos com a pobreza, com a ausência do pai, de atravessar o oceano e adaptar-se a um ambiente estranho do qual, desde sua chegada, se viu excluído pela barreira da língua é, por isso, desde logo, ligado à condição judaica. Ele mesmo se vê como eterno imigrante, como exilado. No ensaio “Devaneios de um solitário aprendiz da ironia”, escrito em 1970, Rawet diz: “Praça Mauá. Cais do Porto. Aqui cheguei quando tinha sete anos, aqui começou minha vida de imigrante” (RAWET, 2008, p. 238); e, mais adiante, “A educação da linguagem, a educação da sensibilidade. Foi nas ruas, entre Ramos e Olaria, nos subúrbios da Leopoldina, que iniciei meu aprendizado da primeira, gringuinho, gringuinho de gente que vendia à prestação” (RAWET, 2008, p. 241); e ainda, no final do ensaio, “Quem sou eu? Um corpo, evidentemente. [...] Sou eterno imigrante; parto de mim para mim mesmo, de meu corpo para meu corpo, mutável” (RAWET, 2008, pp. 245-246).

Em entrevista a Flávio Moreira da Costa publicada no *Correio da Manhã* de Brasília em 1969 e republicada em *Vida de Artista*, Rawet reforça essa autopercepção:

Até os vinte e poucos anos morei nos subúrbios da Leopoldina. Sou fundamentalmente suburbano; o subúrbio está muito ligado a mim. Aprendi o português na rua, apanhando e falando errado – acho até que este é o melhor método pedagógico em todos os sentidos. Aprendi tudo na rua. (COSTA, 1990, p. 143)

O estranhamento ligado à consciência de sua judeidade e à percepção da diferença resultante dessa condição tem a ver, pode-se pensar, com o fato de que, dos dez contos de sua primeira coleção, *Contos do Imigrante*, escritos a partir de 1951 e publicados em forma de livro em 1956, cinco têm como protagonista uma personagem judia em situação de crise resultante de sua difícil aceitação pelo grupo no qual tenta se integrar.

Como veremos, em dois desses contos, “A prece” e “Gringuinho”, o grupo de recepção do estrangeiro faz parte da população hegemônica, não-judia.

Nos outros três, o conflito se estabelece na relação com um grupo de judeus; em um deles, “O profeta”, o protagonista critica e opõe-se a seu grupo familiar por ter optado pela assimilação e por diminuir a importância da barbárie a que os judeus, como ele próprio, tinham sido submetidos no período nazista; reciprocamente, o grupo familiar o rejeita por sua insistência em manter-se fiel à memória da Shoá e aos hábitos da vida na Europa; o desfecho será o mais inesperado: o protagonista opta por voltar para a Europa, “em busca da companhia de semelhantes”. Em outro conto, “Judith”, a protagonista é repudiada por sua família por ter saído do “rebanho” e casado com um não-judeu; apesar de rejeitada, decide levar o filho recém-nascido à circuncisão, preservando algum vínculo com o judaísmo; e, em “Réquiem para um solitário”, o protagonista, imigrante bem-sucedido, é confrontado por seu próprio filho e atormentado pela culpa de ter vindo para o Brasil, abandonando sua primeira família ao extermínio nazista.

Neste artigo, trato somente dos dois contos da primeira coletânea de Samuel Rawet em que o protagonista tem sua identidade judaica evidenciada pelo estranhamento que provoca na população autóctone, uma vez que visio refletir sobre a percepção, por um autor judeu, da representação do judeu pelo não-judeu.

O conto “A prece”, com a maestria característica de Rawet, é narrado sem nenhuma preocupação com a cronologia. A cena inicial já é o desfecho da trama: Ida está voltando para o cortiço, após um dia de trabalho exaustivo e é hostilizada pelas crianças moradoras do mesmo casarão; para provocá-la, “na expectativa de ouvir a língua engrolada”, atiram pedras que raspam em seus pés. A narrativa prossegue, alternando, sem aviso, às vezes no mesmo parágrafo, eventos de épocas diferentes. Dessa forma, Rawet mimetiza o tumulto dos pensamentos de Ida. Na sequência, rearranjando o que está sendo contado, o leitor fica sabendo que a vida da protagonista vem despencando, de tragédia em tragédia, de deslocamento em deslocamento.

Na Europa, Ida vivia a vida normal de uma família judia tradicional, com filhos e marido frequentador da sinagoga. Marido e filhos morreram na guerra, vítimas do nazismo. Ida sobreviveu e, “sem saber como”, um belo dia aportou no Brasil, deixando para trás uma existência inteira. Aqui chegando, “a princípio receberam-na em casa de alguém, mas como novidade, bicho raro de outras terras que tem histórias para mais de um mês. As histórias cansaram. A bondade também”. (RAWET, 2004c, p. 33) Daí para frente, abandonada pela comunidade judaica, Ida deverá cuidar do seu sustento trabalhando como mascate – “profissão” que, certamente, nunca exercera antes –, “os pacotes arriando os braços, e as pernas marcando calçadas e se esfregando em cem capachos diários” (RAWET, 2004c, p. 33), lutando contra uma língua que não entende; para levar seu deslocamento ao extremo, Ida irá morar em um cortiço, um casarão com outras mais de trinta pessoas, onde a privacidade é mínima e a própria existência de judeus é completamente desconhecida.

Como Ida é vista pelos moradores do cortiço? Pelas crianças, desde logo, como uma figura mui-

to estranha, alvo natural de zombarias e arremedos que quase chegam, como vimos, à agressão física. Praticamente emudecida, na única vez em que falara, no casarão, o que dissera fora quase incompreensível, aumentando o estranhamento e estimulando os risos e as chacotas.

O clímax do conto ocorre na tarde de uma sexta-feira. Ida, exaurida pelo trabalho e pelo sol tropical, aos quais não está acostumada, com gosto de areia na boca, lutando contra o cansaço e a solidão, contra “a vontade de ficar ali pregada”, prepara-se, apesar de tudo, fiel à sua condição de judia devota, para seu primeiro *shabat* no casarão. Cozinha carne, põe duas postas de peixe numa caçarola de água fervendo, cobre a mesa com uma toalha branca, põe sobre a toalha dois castiçais prateados, amarra um lenço branco na cabeça, acende as velas, fecha os olhos, e, balançando o corpo, começa suas preces sem saber que está sendo espiada pelas crianças.

A cena toda, tão bizarra para olhares não-judaicos – principalmente por causa das velas, que evocam, na imaginação das crianças, a possível presença de um defunto –, provoca nestas grande espanto, e elas resolvem chamar os adultos. Estes acorrem prontamente, homens curiosos e mulheres excitadas, e se aglomeram junto à porta de Ida. Escutam, estarrecidos, os sons que emanam do quarto:

Um jato em dialeto estranho, lamento gritado, escapava da porta de Ida. A voz era quente e forte, ninguém a havia ouvido assim, e deu um nó no povaréu que se comprimia no corredor. As suspeitas aumentaram. Rosa, de mão pesada e carnes fortes, abateu o punho na madeira.

– Arreia a porta! (RAWET, 2004c, p. 34)

Partilhando o estranhamento das crianças, os adultos desconfiam de que algo muito exótico e

condenável esteja acontecendo e invadem o quarto de Ida. A observação de Zygmunt Bauman em *44 cartas do mundo líquido moderno* pode nos ajudar a entender a atitude inicial deles:

Um estrangeiro é, afinal, um “estranho”, um ser bizarro cujas intenções e reações podem ser completamente diferentes do comportamento das pessoas normais (comuns, familiares). E assim, mesmo quando eles não agem de modo agressivo ou explicitamente ofensivo, os estrangeiros (ou estranhos) causam desconforto: sua simples presença torna exorbitante a já intimidadora tarefa de prever os efeitos dos nossos atos e nossas chances de sucesso. No entanto, dividir espaço com os estrangeiros, viver perto deles (em geral não convidados e não desejados), é uma situação difícil para os cidadãos, situação da qual chega [a] ser impossível escapar. (BAUMAN, 2011, p. 191)

No entanto, lá dentro, apenas encontram Ida com as mãos espalmadas nos olhos e o lenço na cabeça, jorrando sua prece. Gritando a reza. Quando baixa as mãos, a multidão percebe que está chorando abundantemente. Aos poucos, o bom senso volta aos moradores do cortiço quando um dos homens os chama à razão: “– Vamos sair, minha gente. Não é nada! [...] Isso é reza lá da terra deles”. (RAWET, 2004c, p. 35)

Outro conto da coleção *Contos do Imigrante* em que o protagonista judeu se vê na contingência incontornável de se relacionar com um grupo de não-judeus, de forma conflituosa, é “Gringuinho”, talvez o conto tecnicamente mais bem acabado do autor, tendo sido incluído na coleção *Os Cem melhores contos brasileiros do século*, organizada por Ítalo Moriconi e publicada em 2000 pela Objetiva. O fato de que, no ensaio “Devaneios de um solitário aprendiz da ironia” (RAWET, 2008), Rawet

se apresenta como “gringuinho, gringuinho de gente que vendia à prestação” não nos permite supor que o conto contenha traços autobiográficos, mas é indicativo da simpatia do autor pelo protagonista, que talvez o lembre de algumas passagens de sua própria infância. Veja-se a entrevista, em que Rawet diz ter aprendido o português na rua, apanhando e falando errado (COSTA, 1990).

Numa narrativa de apenas dois parágrafos que ocupam pouco mais de três páginas; em que os fatos angustiantes do presente se misturam, de forma meticulosamente desordenada, a memórias recentes e antigas, ficamos conhecendo a tragédia do protagonista inominado. Menino judeu recém-imigrado, às voltas com uma língua que não compreende e colegas que, por isso, lhe impuseram o apelido, é constantemente hostilizado por gritos de “Fala gringuinho”, “gringuinho burro”. A hostilidade entre crianças, o “bullying” contra os diferentes e os mais fracos, é um fenômeno comum, mas nosso protagonista – nada submisso – sente muito desconforto ante a insistência dos moleques, e já aconteceu de revidar fisicamente.

Mesmo numa situação agradável, um domingo em que fora convidado à casa de um colega, Raul, para jogar botões, e a mãe do amigo lhe oferecera uma fatia de melão, o menino sente a estranheza com que é enxergado pelos não-judeus: ao vê-lo, o pai de Raul exclama “Ah! É o gringuinho!”; os tios do amigo concentram a atenção nele, e a fruta quase o sufoca na boca (RAWET, 2004b, p. 44).

Há poucos meses na escola, o menino estranha a sala e os colegas e tem muita dificuldade para acompanhar o que a professora escreve na lousa e o que é lido em voz alta. Num dia em que entrara atrasado – o presente da narrativa –, defronta-se com os olhares fixos e as gargalhadas maciças de cinquenta colegas; mal contendo as lágrimas, senta-se e abre o livro na página indicada. Neste momento,

escuta, vinda de trás, a zombaria de sempre, insistente: *Fala gringuinho*. Volta-se para identificar a fonte, e é surpreendido pela ordem de leitura. Agora, o *Fala gringuinho* é um coro, e o menino se levanta, derrubando a cadeira, para enfrentar os agressores, mas é contido pela professora, que o suspende pelo braço; passa a ser castigado por ela, que lhe bate na palma da mão com uma régua; não se contém e a esmurra no peito, rasgando seu vestido.

Avaliando que não poderá mais voltar para aquela escola, e sem vontade de frequentar qualquer outra, o menino vai para casa em meio a lembranças tumultuadas de uma infância feliz na velha pátria, “antes do navio”, onde tinha amigos, podia mergulhar no riacho no verão, colher framboesas, roubar cenouras na plantação vizinha, deslizar de trenó quando o rio congelava. Lembra do avô, que ficara “lá” e de quem não ouvira mais falar. Entra em casa, e a mãe, ocupada com suas tarefas domésticas, não percebe seu sofrimento; limita-se a ordenar-lhe que troque de roupa e vá buscar cebolas no armazém. Frustrado com o que lhe parece ser a indiferença da mãe e depois de muito resistir ao pedido de cebolas, resigna-se e vai.

Se o final de “A prece” é otimista, afinal Ida teve reconhecido pelos vizinhos seu direito de ser diferente, sendo como moradora do cortiço, o final de “Gringuinho” não é tão promissor. Incapaz de lidar com a rejeição de parte dos colegas e sentindo-se abandonado pela mãe, o menino, para não sucumbir à melancolia, opta pela solução de fugir à realidade externa. Aceita a tarefa de buscar cebolas, mas vai correndo, numa tentativa mágica de apressar o tempo; vai com a ideia de deixar de ser criança; sua infância terminou, quer ser logo adulto, única forma, a seu ver, de deixar de ser hostilizado.

Na época em que Rawet escrevia os *Contos do Imigrante* a população judaica no Brasil experimentava um crescimento notável, resultado da vin-

da para cá de refugiados da guerra na Europa – imigrantes, portanto, em condições muito peculiares –, o que provocava estranhamento em relação a esses recém-chegados, não só de parte da população majoritária, mas dos próprios judeus já aqui estabelecidos há mais tempo.⁴ Para avaliar a importância desse fenômeno, basta observar que a população judaica da cidade do Rio de Janeiro, que em 1940 era de 19.473 indivíduos, em 1950 chegara a 25.222 pessoas (LESSER, 1995, p. 315), um aumento de quase 30%.

A construção dos protagonistas de Rawet, em seus primeiros contos, antecipa a observação de Abdelmalek Sayad, para quem o espaço de deslocamento dos imigrantes é um espaço culturalmente qualificado, sobretudo através das realizações culturais de língua e religião (SAYAD, 1998, p. 15). Certamente, estes primeiros protagonistas rawetianos são datados. Não existem mais, no Brasil, “Idas” e “gringinhos”. Na verdade, como observou Grün, atualmente ser judeu é um trunfo, fornecendo boas expectativas de inserção no mercado de trabalho qualificado, nas redes empresariais e nas redes de relações sociais (GRÜN, 1999, p. 368).

Não obstante, Rawet fez uso da contraposição de um protagonista judeu a um grupo de não-judeus, que se relaciona com aquele enquanto judeu, também em obras posteriores, como os contos “Natal sem Cristo”, “Reinvenção de Lázaro”, “Lisboa à noite”, “O casamento de Bluma Schwartz”, e a novela *Abama*. Isso lhe permite, como vimos nos dois contos analisados, olhar para si mesmo, na condição de judeu, pelo olhar do outro, do não-judeu, como num jogo de espelhos. A avaliação que o próprio Rawet fazia da comunidade judaica na qual vivia, ligada, talvez, a esse olhar espelhado, transparece em textos como “Kafka e a mineralidade judaica ou a tonga da mironga do kabuletê”, artigo publicado na revista *Escrita* em 1977, e “As

utopias do judeu Buber”, prefácio a *Angústia e conhecimento: ética e valor*, de 1978, textos estes incluídos nos *Ensaio reunidos*, em que contrasta a grande tradição judaica, representada por Ibn-Gabriel, Maimônides, Spinoza, Einstein, Buber, com sua experiência concreta, que só lhe havia mostrado os elementos negativos do judaísmo.

Vale lembrar, para concluir, que a imagem do jogo de espelhos foi utilizada explicitamente por Rawet em “Parábola do filho e da fábula”, texto no qual diz que o uso desse dispositivo dá acesso a sentidos que, de outra forma, jamais seriam percebidos. (RAWET, 2004d, p. 134)

NOTAS

1 Grün observa que a “indesejabilidade” dos judeus era reforçada pela consideração, de parte das “classes cultivadas” brasileiras, de que os judeus – e também japoneses, sírios e libaneses – eram pouco propensos a diluir-se através de casamentos interétnicos (GRÜN, 1999, p. 370).

2 A preocupação, de parte dos judeus, com relação à imagem que deles faz a sociedade majoritária pode ser vista como correlativa dos esforços despendidos na Alemanha, no início do século XIX, para explicar aos não-judeus o que são os judeus. Essa iniciativa partia da ideia de que a continuada hostilidade da sociedade cristã era resultado de sua ignorância a respeito do judaísmo, sua história e sua contribuição para a cultura europeia, e se materializou na fundação da *Verein für Kultur und Wissenschaft der Juden* (Associação para Cultura e Ciência Judaica), em 1819. Percebendo, rapidamente, que seus encontros não estavam influenciando a atitude da sociedade cristã face aos judeus, a Associação dissolveu-se em 1824, e muitos de seus membros se converteram para poder ingressar no mundo acadêmico (ver, por exemplo, ETTINGER, 1997, pp. 837 ss).

3 Em entrevista a Flávio Moreira da Costa publicada na revista *Escrita*, ano I, num. 2, 1975, Rawet diria, a respeito

dessa vida em suspensão: “A cidadezinha era praticamente de judeus poloneses, meus pais eram judeus de pequeno comércio, muito pobres. [...] Nossa situação lá era simplesmente péssima: vivíamos à espera de uma passagem para o Brasil. Meu pai já estava aqui, eu só cheguei em 1936.”

4 Roberto Grün registra que “as memórias dos primeiros imigrantes nas cidades grandes registram a estranheza com que os diversos grupos de judeus encaravam os indivíduos de ‘mesma religião’ provenientes de outras regiões do Velho Mundo” (GRÜN, 1999, p. 365).

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. (trad. Vera Pereira). Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- COSTA, Flávio Moreira. “Andanças e mudanças de Samuel Rawet” in *Vida de artista: um livro de encontros e entrevistas*. Porto Alegre, Sulina, 1990, pp. 141-146.
- ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. (trad. Helena Domingos e João Furtado). Lisboa: Difel Difusão Editorial Lda, 1989.
- ETTINGER, Shmuel. “The Modern Period” in Ben-Sasson, H. H. (org) – *A History of the Jewish People*. Cambridge: Harvard University Press, 1997, pp. 727-1096.
- GRÜN, Roberto. “Construindo um Lugar ao Sol: os Judeus no Brasil” in FAUSTO, Boris. *Fazer a América*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, pp. 353-381.
- LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. (trad. Marisa Sanematsu). Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- _____. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. (trad. Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres). São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- NICHTHAUSER, Joseph. “O naturalizado”. *Revista Shalom* n. 62, junho de 1970, pp. 30-31.
- RAWET, Samuel. “Natal sem Cristo” [1963] in *Contos e novelas reunidos*. (org. de André Seffrin). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, pp. 123-129 (a).
- _____. “Gringuinho” [1956] in *Contos e novelas reunidos*. (org. de André Seffrin). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, pp. 42-45 (b).
- _____. “A prece” in *Contos e novelas reunidos*. (org. de André Seffrin). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, pp. 31-35 (c).
- _____. “Parábola do filho e da fábula” in *Contos e novelas reunidos*. (org. de André Seffrin). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, pp. 134-136 (d).
- _____. “Devaneios de um solitário aprendiz da ironia” [1970] in BINES, Rosana K.; TONUS, José Leonardo Tonus (orgs). *Samuel Rawet: ensaios reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, pp. 233-246.
- _____. *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. (Francisco Venceslau dos Santos, org.). Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. (trad. Cristina Murachco). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

Recebido em 28/04/14

Aceito em 25/07/14